

DAVIS, Mike. *Apologia dos Bárbaros: ensaios contra o Império*. São Paulo: Boitempo, 2008. 352 p.

Catarina Morawska Vianna

O historiador e professor da UCLA¹ Mike Davis certa vez afirmou que sua escrita era pouco disciplinada, característica que atribuía ao fato de ter sido um autodidata que nunca frequentara aulas de inglês (Davis; Frommer, 1993). Davis, que deixou o ensino médio para trabalhar - primeiro em uma fábrica de processamento de carne e depois como caminhoneiro -, apenas voltaria às salas de aula aos 29 anos de idade. Tal trajetória, marcada pela transição do mundo do colarinho azul para o da academia, repercutiria em suas dezenas de livros e centenas de artigos, não somente pelas suas escolhas teóricas e temas de pesquisa, mas sobretudo pela recusa em conferir autoridade à sua fala por meio de um academicismo pretensamente neutro. Seja discorrendo sobre o movimento trabalhista nos EUA (Davis, 1990), sobre o potencial destruidor de desastres naturais em uma cidade com imensas contradições sociais como Los Angeles (Davis, 1998), sobre a relação entre a administração colonial e a fome (Davis, 2001), sobre as favelas como problema global (Davis, 2006) ou sobre a história da tecnologia do carro-bomba (Davis, 2007), o olhar do autor é marcadamente situado: a partir da classe trabalhadora, a partir da periferia de Los Angeles, a partir da esquerda dos partidos de esquerda, a partir de dentro e contra o “Império norte-americano”.

Todas estas posições aparecem de uma forma ou de outra em seu livro “Apologia dos Bárbaros”. Trata-se da compilação de 46 textos e uma entrevista que abordam temas dos mais diversos, metade dos quais retirados da revista do Partido dos Trabalhadores Socialistas Britânicos, o *Socialist Review*. O livro divide-se em cinco partes conectadas a partir da metáfora do Império Romano aplicada aos Estados Unidos. Pode-se descrevê-las brevemente da seguinte maneira: a primeira parte, “Romanos em Casa”, trata da política eleitoral nos EUA a nível federal; a segunda, “Legiões em Guerra”, da política

¹ University of California, Riverside.

externa dos EUA; a terceira, “Apreensão na Gália”, da política eleitoral na Califórnia e dos problemas sociais naquele estado; a quarta, “Água Negra Subindo”, do impacto dos desastres naturais sobre populações pobres como resultado do descaso do poder público; por fim, a quinta, “Velhas Chamas”, trata da resistência às políticas do governo estadunidense por parte de movimentos e personalidades daquele país.

Para além das referências ao Império Romano nos subtítulos das cinco partes e na breve e obscura nota final, não há qualquer elaboração analítica em torno do par de opostos Império/bárbaros. Não se trata da ideia de Império de Michael Hardt e Antonio Negri (2001; 2005), uma sociedade de controle global cuja contrapartida é a força criativa da multidão que, ao contrário dos bárbaros, estaria situada no interior do que Hardt e Negri concebem como Império. Pode-se supor que a metáfora utilizada por Mike Davis se aproxime daquela ideia mais amplamente disseminada de Império como domínio direto ou indireto sobre outras nações e povos, que Niall Ferguson (2004) defende ser o caso dos EUA. Este autor atribui à resistência dos EUA em reconhecer-se como Império o próprio germe de sua queda, o que lamenta por acreditar que o mundo necessita de um “Império liberal” que intervenha em países de forma a combater tiranos, o subdesenvolvimento, a má administração, o terrorismo e outras tantas supostas patologias.

A visão de Mike Davis não poderia ser mais distinta. Ao fim de “Apologia dos Bárbaros” o autor apresenta uma espécie de profecia, completamente oposta ao lamento de Niall Ferguson: os pobres estadunidenses não chorarão a queda da nova Roma de Potomac (Washington, D.C.). Segundo Davis, apoiado na obra do historiador marxista G.E.M. de Sainte Croix sobre a luta de classes na Antiguidade, a exploração de grande parte do povo (livre ou escravo) teria drenado a força vital do Império Romano, o que explicaria não apenas porque os pobres não choraram a queda de Roma, como também porque colaboraram com os godos, vândalos, hunos, árabes. Mike Davis deixa o leitor com a impressão de que é em nome da massa pobre norte-americana que ele realiza uma apologia dos bárbaros, e com eles não lamentará a ruína do Império. Resta a dúvida de quem seriam estes bárbaros e se de fato a massa explorada colaborará com eles. Pelo próprio argumento do livro, que evidencia a pouca força dos movimentos de esquerda nos EUA e o conservadorismo da imensa camada pobre (urbana e rural) do país, parece difícil que a profecia se cumpra.

Ainda que o par Império/bárbaros seja apenas um artifício editorial para dar forma ao livro, ele oferece o *leitmotiv* de análises que politizam assuntos

surpreendentemente diversos: o terrível tráfego no sul da Califórnia (e a ausência de transportes coletivos eficientes graças ao *lobby* vitorioso dos donos e revendedoras de utilitários) (cap. 16); o filme “A Paixão de Cristo” de Mel Gibson (e a direita religiosa antisemita nos EUA) (cap. 21); a onda de calor na Europa em 2003 que matou entre 35 e 50 mil pessoas (e a pobreza, a crise da habitação e a falta de investimento em serviços públicos) (cap. 28); os protestos de adolescentes *hippies* na *Sunset Strip* no ano de 1968 em Los Angeles (e o subjacente embate entre os donos de imóveis locais e a indústria do entretenimento adulto) (cap. 46). Apesar da imensa variedade dos textos, todos eles procuram apontar para a ameaça republicana (e democrata moderada) à população estadunidense, a outras populações do mundo e ao próprio planeta.

A parte 4 do livro (“Água Negra Subindo”, caps. 28 a 37), por exemplo, é dedicada ao espectro dos cada vez mais frequentes desastres naturais, como ondas de calor, incêndios florestais, a gripe aviária, o furacão Katrina em Nova Orleans em agosto de 2005, bem como o furacão Catarina, o primeiro do tipo registrado no Atlântico Sul, que fustigou o litoral catarinense em março de 2004. Os textos deste bloco têm como objetivo mostrar, em primeiro lugar, como o alto índice de fatalidades pode ser evitado caso haja vontade política para tanto, o que evidentemente não era o caso dos republicanos na Casa Branca; e em segundo lugar, a necessidade de restrições ao consumo desenfreado que sustenta o ideal de vida norte-americano (e do mundo desenvolvido em geral) e que afeta a geopolítica e clima globais.

A cativante escrita autodidata do autor, cujo método ele descreve como uma espécie de bricolagem, ou “algo mais próximo ao que um bom pedreiro faria” (Davis; Frommer, 1993, p. 41), atinge seu ápice na parte 5 (“Velhas Chamas”, caps. 38 a 46), onde ele revisita certos eventos e personagens históricos para evidenciar a existência de movimentos organizados de esquerda no país. Mike Davis parece querer com isso inspirar uma esquerda hoje enfraquecida por meio da lembrança de seus heróis. O leitor depara-se então com reflexões sobre o terrorismo anarquista; sobre como as gangues de Nova Iorque, retratadas em um filme de Martin Scorsese, conviviam com um forte sindicalismo organizado; sobre a importância do Exército Vermelho na vitória das forças aliadas na 2ª Guerra Mundial; sobre o caráter radical da luta de Malcolm X, por oposição aos movimentos reformistas dos direitos civis; sobre Lucy Parsons, que defendia no movimento sindicalista o reconhecimento de um papel mais central para as mulheres trabalhadoras, “as escravas dos escravos” (p. 296); sobre Carey MacWilliams, o editor da

revista radical independente *The Nation*, que promovia um jornalismo semelhante à investigação sociológica. O estilo dos textos desta parte poderia ser descrito da mesma forma que o próprio Mike Davis o fez em relação ao seu “Cidade de Quartzos”, um livro de 1990 sobre o crescimento social e ecologicamente destrutivo da cidade de Los Angeles: “Eu acho que meu livro é terrivelmente eclético porque parte é estruturada como tentativa de realizar uma análise histórica e ilustrá-la, e parte talvez seja uma inabilidade irlandesa de largar uma boa estória para segui-la onde está.” (Davis; Frommer, 1993, p. 41).

À época em que “Apologia dos Bárbaros” foi lançada, um comentador chegou a afirmar que aquela era uma obra para ser lida pelos sociólogos num domingo, pelas “observações hilárias e refrescantemente de esquerda sobre o mundo em que vivemos” (Leon, 2008, p. 371-372). Acredito, contudo, que justamente como um “livro de domingo” ele pode servir para mais do que uma mera distração de assuntos sérios. E aqui chegamos ao que o livro tem de mais valioso. Sem a pretensão de realizar discussões teóricas, mas sim de oferecer um posicionamento frente a eventos relevantes à opinião pública de seu país, os textos de Davis exibem uma riqueza muito comum a boas etnografias: a apresentação de uma imensa quantidade de informações que nos conferem a possibilidade de apreendê-las a partir de outras perspectivas que não a do autor. “Apologia dos Bárbaros” é daqueles livros que permitem que aquilo que ele contém transborde, realize novas conexões e tome outros caminhos. Na segunda e última parte desta resenha, discorro sobre aquilo que creio transbordar das suas três primeiras partes.

A capilaridade do Império

Nos artigos das partes 1 (“Romanos em Casa”, caps. 1 a 9) e 3 (“Apreensão na Gália”, caps. 16 a 27), Mike Davis faz as vezes de um comentarista da política partidária no estado da Califórnia e nos EUA como um todo, em um período que vai de setembro de 2001, logo depois do ataque às torres gêmeas, a abril de 2007, após a ampla vitória democrata nas eleições de novembro de 2006. Dos textos emerge uma grande queixa: a única alternativa viável ao Partido Republicano não é de fato uma opção radicalmente distinta deste. Em abril de 2002, após o primeiro ano do governo de George W. Bush, Davis afirma: “Se os cidadãos norte-americanos comuns parecem realizar a profecia [do jornalista H.L.] Mencken [de que um dia a Casa Branca será adornada por um inequívoco idiota], é porque foram totalmente traídos pelo Partido Democrata” (Idem, p.

29). No início de 2004, meses antes da eleição presidencial, ele escreve: “O que se afigura até [a eleição de] novembro é a desestimulante opção entre o “superimperialismo” bushista e o “imperialismo normal” do *status quo ante* democrata” (Ibidem, p. 43).

A posição antagônica às políticas republicanas nada mais é do que o ponto de partida de uma crítica ainda mais ferrenha dirigida aos democratas. Davis se esforça por mostrar que o compromisso de ambos os partidos é com seus grandes financiadores: os republicanos com a chamada Velha Economia (setores de energia, construção civil e defesa), e os democratas com a Nova Economia (setores de comunicação, entretenimento e jogos). Dos republicanos o autor simplesmente constata tal postura; dos democratas ele lamenta que a prioridade não seja a retirada das tropas do Iraque ou a reconstrução dos bairros mais pobres de Nova Orleans, mas sim o cumprimento da agenda de interesses dos setores da computação e biotecnologia, da indústria da mídia e entretenimento e do capital especulativo.

Para ilustrar tais alianças, Davis lança mão de uma profusão de nomes do mundo da política dos EUA, o que levou o editor brasileiro a sabiamente incluir um índice ao final com notas biográficas de mais de 200 pessoas. O efeito é uma descrição ilustrativa da democracia estadunidense como a “fusão entre capital e política” (Ibidem, p. 37) operada por indivíduos em redes de relações pessoais. Segundo o autor: “Presidentes de comitês do Congresso transformam-se em lobistas bem remunerados da indústria farmacêutica, gigantes do petróleo, agentes imobiliários, negociantes de armas e ditadores estrangeiros” (Ibidem, p. 35).

Um bom exemplo que Davis oferece da fusão capital-política está em “Os Estados Unidos Ocupados” (cap. 3). Entre 1993 e 1994, quando os republicanos detinham a maioria na Câmara dos Deputados, Grover Norquist, uma importante figura daquele partido, presidia semanalmente um encontro entre lobistas da Associação Nacional de Rifles, Coalizão Cristã, *think tanks* de direita, indústria de bebidas, tabaco e jogos, bem como movimentos pelos direitos de propriedade, de caráter fortemente anti-ambientalista. Davis afirma que era deste grupo que saíam os anteprojetos de lei apresentados pelo líder da maioria republicana na Câmara. A inserção das agendas de tais atores nas discussões legislativas garantia ao Partido Republicano apoio financeiro nos períodos eleitorais. Eis a síntese da fusão capital-política:

O Pentágono do [Secretário de Defesa Donald] Rumsfeld, já extensamente privatizado para o benefício de doadores do partido, é o protótipo deste admirável mundo novo de republicanismo eterno, em que os contribuintes subsidiam a Halliburton e a Northrop, e as empresas, por sua vez, subsidiam [Grover] Norquist e seus capangas. (Ibidem, p.37)

Do olhar de Davis decorre um entendimento da relação entre os partidos e corporações que se baseia em um ideal de governo e de política que os republicanos e democratas igualmente estariam deturpando, já que representantes do povo deveriam estar a serviço de seus eleitores, dos contribuintes, do bem comum, e não dos lobistas de grandes corporações.

O grande pilar de sua análise, portanto, é a pressuposta distinção entre duas dimensões – mercado e Estado. Quais percepções emergiriam das informações apresentadas por Davis se tal distinção não fosse tomada como pressuposto analítico, mas como aquilo a que se deve atentar, como algo que gera efeitos no campo, que cria territórios de atuação, fundamenta moralidades, estabelece regimes de verdade, delinea relações?

Em primeiro lugar, o quadro analítico do autor passaria a ser percebido como parte integrante da própria política que ele descreve e comenta. Davis ajuda a constituir a visão da esquerda independente norte-americana ao nomear seus inimigos e potenciais aliados, ao defender a separação entre mercado e Estado como ideal de política e ao denunciar o domínio da máquina estatal por uma elite econômica que dita políticas imperialistas. Neste sentido, as imagens do cartunista Carlos Latuff ao final da edição complementam visualmente o quadro pintado por Davis, sobre os termos de uma política cujas práticas infringem princípios a partir dos quais ela idealmente deveria se dar. Uma primeira percepção, portanto, estaria relacionada à própria materialidade de “Apologia dos Bárbaros”, que ao circular leva consigo o potencial de produzir adeptos a uma posição determinada dentro de uma batalha travada no campo da política: de uma análise que ilumina o mundo, o livro torna-se um olhar que move o mundo.

A segunda percepção refere-se ao fato da personificação dos embates políticos ser acompanhada da “corporativização” das pessoas, já que há sempre algum tipo de organização envolvida na rede de relações interpessoais. Se em certa instância o que se vê são pessoas físicas (e o índice biográfico ao final nos ajuda a situá-las), em outra o que se percebe é como essas mesmas pessoas acionam relações de outra ordem, entre organizações (e nesse sentido não seria demais acrescentar ao índice a biografia de

algumas delas). Creio que o que as boas histórias de Mike Davis revelam, para além dos interesses escusos de corporações que corrompem políticos, é a interpenetração de organizações no sentido amplo do termo: empresas privadas, partidos políticos, órgãos oficiais, *think tanks*, organizações não-governamentais, e assim por diante. Pois se é verdade que tais organizações são definidas pelo que têm de diferente, também há algo que cada vez mais as aproxima, qual seja, o fato de operarem a partir de uma mesma matriz de gestão que estabelece mecanismos através dos quais relações são produzidas.

Um dos elementos desta matriz de gestão é a produção de composições, desenhos do social, que embasam políticas organizacionais definidoras de relações e ações estratégicas, e de recursos financeiros e humanos a serem despendidos para concretizá-las. Todos o fazem - sindicatos, ONGs, partidos, órgãos públicos em diferentes instâncias, empresas privadas de âmbito local ou multinacional -, ainda que alguns de forma mais institucionalizada do que outros. Assim, quando se pensa nas conexões entre políticos e lobistas dentro de uma rede de relações interpessoais, não se pode ignorá-las também enquanto parte de estratégias de organizações que se relacionam ou desejam se relacionar. Os políticos com quem o lobista da Northrop estabelece relações devem estar previstos como aliados na composição do social que embasa as políticas da empresa. Da mesma forma, os lobistas com quem os políticos estabelecem relações devem estar previstos como doadores na composição do social de seu partido. As relações concretas entre políticos e lobistas atualizam as relações previstas na composição do social das organizações envolvidas, e assim o mundo do mercado e o mundo da política tornam-se imbricados, enganchados. Entre os efeitos que a matriz de gestão das organizações gera está a produção de relações que frequentemente ultrapassam as fronteiras entre esferas tidas como pública ou privada.

Conexões interpessoais, portanto, denotam conexões entre organizações, e de forma mais profunda, a interpenetração das mesmas. Não pretendo com isto afirmar que se trata de um mundo em que relações interpessoais se reduzem a relações entre organizações, mas sim que no momento em que se atenta para como o Pentágono de Rumsfeld e o Rumsfeld do Pentágono se confundem, vislumbra-se o “Império norte-americano” de uma maneira muito mais capilarizada, como um emaranhado de relações constituídas a partir de organizações. Não há como negar a grande capacidade das organizações norte-americanas, tanto as legalmente definidas como públicas quanto as privadas, em agregar relações em torno de si, e de marcar presença em diferentes lugares

do mundo como parte de empreendimentos justificados como de interesse universal privado ou público.

A partir desta perspectiva, a parte 2 do livro (caps. 10 a 15) torna-se esclarecedora menos da “política externa do Império norte-americano” e mais acerca do efeito que as relações entre organizações operam ao redor do mundo. As histórias de Mike Davis iluminam como alguns dos efeitos perversos do “Império norte-americano”, tais como a ocupação arbitrária de territórios e o descarte de populações, advêm de estratégias organizacionais que à primeira vista parecem ser estabelecidas por um poder central, mas que são na verdade resultado de uma série de conexões entre organizações em geral não imediatamente evidentes. Em “War-Mart” (cap. 13) e “O Pentágono como Senhorio Global” (cap. 14), por exemplo, nota-se como dentro do Pentágono, que se constitui como um dos mais gigantescos agregadores de relações organizacionais, as disputas entre os partidários das novas e das velhas tecnologias de guerra ecoavam estratégias de empresas de tecnologia de um ou outro tipo e apontavam para relações complexas que envolviam mais atores do que a figura do Tio Sam condensava. Rumsfeld era até 2006 o rosto visível do Pentágono, mas era também parte de um emaranhado de relações mais amplo que ele não controlava totalmente, ainda que os efeitos que delas se faziam visíveis lhe fossem atribuídos.

O que transborda do texto de Mike Davis é a possibilidade de nos afastarmos da discussão do Império como promovido por um poder central, identificado por um acrônimo – E.U.A. – e o percebermos como uma miríade de relações produzidas a partir de uma matriz de gestão muito particular. “Apologia dos Bárbaros”, involuntariamente, nos leva na direção de uma análise da política mundial focada em atores – as organizações - cuja presença em nosso mundo não pode ser ignorada. Talvez as reações contra um Império capilar devam se dar em um campo de batalha ampliado para dentro das organizações, na tentativa de desestabilizar suas composições do social com novas configurações que prevejam a “massa de seres humanos estrutural e biologicamente supérflua para a acumulação global e para a matriz empresarial” (Ibidem, p. 129) como algo distinto de meros consumidores, beneficiários, contribuintes ou eleitores.

Catarina Morawska Vianna

Doutora em Antropologia Social, PPGAS/USP

Referências Bibliográficas

- DAVIS, Mike. *Cidade de Quartzos: escavando o futuro em Los Angeles*. São Paulo: Boitempo, 2009 [1990]. 432p.
- _____. *Buda's Wagon: A Brief History of the Car Bomb*. London and New York: Verso, 2007. 228p.
- _____. *Planeta Favela*. São Paulo: Boitempo, 2006 [2006]. 272p.
- _____. *Holocaustos Coloniais*. Rio de Janeiro: Record, 2002 [2001]. 272p.
- _____. *Ecologia do Medo*. Rio de Janeiro: Record, 2001 [1998]. 473p.
- _____. *Prisoners of the American Dream: Politics and Economy in the History of the US Working Class*. London: Verso, 1986. 320p.
- DAVIS, Mike; FROMMER, Marcos. An Interview with Mike Davis. *Chicago Review*, Chicago, v.38, n.4, pp.21-43, 1993.
- FERGUSON, Niall. *Colossus: The Rise and Fall of the American Empire*. New York: Penguin Books, 2005. 386p.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001 [2000]. 504p.
- _____. *Multidão: Guerra e Democracia na Era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005 [2004]. 530p.
- KATZ, Cindi; SMITH, Neil; DAVIS, Mike. L.A. Intifada: Interview with Mike Davis. *Social Text*, Durham, n.33, pp.19-33, 1992.
- LEON, Cedric de. Review: In Praise of Barbarians: Essays against Empire. *Contemporary Sociology*, Washington, v.37, n.4, pp.370-372, 2008.
- RAVEN, Lucy. Mike Davis. *Bomb*, New York, n.104, pp.90-96, 2008.

Recebido em: 17/07/2011

Aceito para publicação em: 08/08/2011